



Europeus e norte-americanos no litoral Sul da Bahia: branquitude e novas colonizações no paraíso tropical?¹

Europeans and north americans in the South coast of Bahia: branquitude and new colonizations in tropical paradise?

Jaqueline Souza de Jesus

 <http://orcid.org/0000-0003-4605-6336>

Programa de Pós-Graduação em Relações
Étnicas e Contemporaneidade
jackeesouza11@gmail.com

Regina Marques de Souza Oliveira

 <https://orcid.org/0000-0003-3720-0922>

Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia
marquesregina@uol.com.br

DOI: 10.22481/odeere.v5i10.7471

RESUMO:

Este texto aborda a migração para a Vila de Serra Grande, distrito do município de Uruçuca, no litoral sul da Bahia, considerando a projeção do Brasil paraíso tropical, assim como a suposta cordialidade inerente ao contato com o povo brasileiro. O território da vila é também abordado a fim de enfatizarmos as relações históricas, políticas, econômicas, culturais e raciais, enfim, as relações de identificações e diferenças, que fazem do Litoral Sul da Bahia um eminente território de riquezas, poderes e conflitos. Trata-se de um estudo-reflexão acerca das expressões e tensões entre branquitude e identidade afro-brasileira num território litorâneo da Mata Atlântica, no sul da Bahia.

PALABRAS CLAVE: Imigração, Território, Relações Étnico-raciais, Identidade e Diferenças.

ABSTRACT:

This text discusses the migration to Vila de Serra Grande, district of the municipality of Uruçuca BA, on the south coast of Bahia, considering the projection of Brazil as a tropical paradise, as well as the supposed cordiality inherent in contact with the Brazilian people. The territory of the village is also approached in order to emphasize the historical, political, economic, cultural and racial relations, in short, the relations of identifications and differences, which make the South Coast of Bahia an eminent territory of wealth, powers and conflicts. This is a study-reflection about the expressions and tensions between whiteness and Afro-Brazilian identity in a coastal area of the Atlantic Forest, in south Bahia.

KEYWORDS: Immigration, Territory, Ethnic-racial Relations, Identity and Differences.

¹ Artigo desenvolvido a partir de pesquisa de mestrado financiada pela Fundação de

Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia-FAPESB.

INTRODUÇÃO

Se olharmos atentamente para as representações do Brasil e das suas riquezas naturais, assim como para as distintas projeções sobre o processo de composição do povo brasileiro e seu caráter cordial, desde as nuances dos movimentos literários e construção de uma identidade brasileira, pautada nas paisagens naturais e exotismos do país, às reivindicações dos movimentos sociais de luta por reconhecimento e direito das distintas diversidades, chegaremos a um questionamento acerca da migração para destinos da República Federativa do Brasil: Por que o Brasil e, mais precisamente, a Vila de Serra Grande, no município de Uruçuca, no litoral sul da Bahia têm se apresentado tão atrativos no que concerne à chegada de pessoas dos mais variados lugares do mundo e do país? Por que europeus brancos, povos das Américas e brasileiros com médio ou alto poder aquisitivo das diversas regiões do país (mas, sobretudo, do sul e do sudeste) têm escolhido a Vila de Serra Grande como destino?

Este texto pretende refletir sobre alguns dos pontos centrais que podem estar alinhando os ponteiros da bússola dos migrantes para o território da Vila de Serra Grande e a situação de contato entre a população nativa e os migrantes, do ponto de vista da historicidade do território.

De caráter qualitativo, a metodologia adotada converge nos estudos sobre identidade na psicologia social, fazendo uso das técnicas de observação participante, entrevistas com a população local e migrante e pesquisa documental, considerando os dados referentes a população residente no Brasil e a literatura produzida acerca do país e seus destinos sob a ótica da atratividade e da promoção turística, mas também da colonização e exploração do país e das populações sul-americanas.

No estágio inicial da pesquisa observamos menosprezo dos migrantes brancos aos nativos de Serra Grande. E os nativos, por sua vez, demonstram desconforto com a presença invasiva de pessoas de outras nacionalidades, de terras não brasileiras, e de outras regiões do Brasil.

Colombianos, venezuelanos e uruguaios não são chamados de “gringos”, uma vez que para a população da terra os “gringos” são tidos como poderosos financeiramente e costumam impor seus modos de ser e de fazer na Vila de Serra

Grande. Os “gringos” são os notadamente europeus e norte-americanos, ou numa perspectiva racial, os notadamente brancos. Observa-se que os povos das américas não são considerados “gringos”. Esta condição psicossocial de identificação é um componente importante de relações étnicas na contemporaneidade.

Os resultados deste recorte inicial da pesquisa revelam que estas diferenças e emergente segregação étnica, econômica e territorial precisam ser compreendidas a fim de evidenciar, anunciar e denunciar relações de conflito e violências em territórios litorâneos brasileiros ocupados por populações nativas empobrecidas pela violência do capital. Preservar os valores, as histórias e as culturas destas populações, para além de manter a referência de acolhimento ao diverso, não se abster de combater relações de privilégio e intenção de superioridade, como é o caso do comportamento do migrante com alto poder econômico, em relação as populações nativas do Litoral Sul da Bahia.

UM ALARGAMENTO DE PERSPECTIVA: O LITORAL-PARAÍSO E O LITORAL-LUTA

A Vila de Serra Grande localizada no Litoral Sul da Bahia, entre os municípios de Ilhéus e Itacaré, faz parte do município de Uruçuca, que fica a aproximadamente setenta quilômetros da Vila pela rodovia ou, ainda, a quarenta quilômetros pela estrada de chão, há alguns anos abandonada pelas péssimas condições de tráfego. Considerada um recanto de belezas naturais, lindas praias, rios, lagos e cachoeiras cenarizam a vida da população que a cada dia se torna mais diversa e contrastiva.

Ao associarmos a imagem da Vila à ideia emblema do *paraíso tropical* tão acionada nas representações e discursos (re) produzidos e vendidos sobre o Brasil e o Litoral da Bahia, na tentativa de configurar e divulgar o país e esta região como uma verdadeira ilha paradisíaca (o mito do Brasil-paraíso de que fala Chauí²), aberta à visitas e negociações, torna-se compreensível porque tantas *novas caras*³

² CHAUI, Marilena. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

³ A expressão *novas caras* está sendo usada para se referir a eminente presença de estrangeiros e migrantes, sobretudo, das regiões Sul e Sudeste do país que circulam, visitam e ou residem no território da Vila de Serra Grande.

têm circulado e aportado em Serra Grande. Só que um impasse é colocado no que diz respeito à própria noção de paraíso que pode estar direcionando a migração para o Litoral Sul da Bahia. Importante lembrarmos neste ponto que o Litoral Sul da Bahia está em uma localização político-geográfica e econômica estratégica, uma vez que liga o Nordeste às regiões Sul e Sudeste do país, destinos principais da imigração estrangeira para o Brasil.

Se rastreamos o emprego e os usos da expressão *paraíso tropical* em diferentes enunciados e contextos, perceberemos que o campo semântico acionado pela expressão *paraíso tropical* não evoca à um lugar social, à uma sociedade, à uma população. O “paraíso” faz referência a algo para além e aquém do social, não faz parte de uma conjuntura social, está para a natureza, para o ócio, para um estágio natural e divino da vida. Portanto, a imagem de uma população nativa que vive em sociedade e que luta e enfrenta várias dificuldades de ordem socioeconômica, frequentemente, não faz parte, é suplantada do imaginário que compõe o ideário do *paraíso tropical* e da Vila de Serra Grande.

O adjetivo *tropical*, por sua vez, funciona com um qualificador do substantivo *paraíso* e reforça linguístico e semanticamente a ideia de que o paraíso é um reduto da/na natureza, está nos trópicos (no Brasil, na Bahia), é um recanto distante e, portanto, de fuga da realidade baseada na convivência e organização social. No *paraíso tropical* só conseguimos projetar nós mesmos e, no máximo, aqueles a quem amamos, os mais próximos, é claro. Não há espaço para “intrusos”, para “outros” no sonho tropical. Não se quer dividi-lo. Se falarmos ainda de uma perspectiva do capital, que organiza nosso modelo de estruturação social, no *paraíso tropical* só há espaço para àqueles que podem pagar por ele.

A ideia do paraíso tropical que discutimos encontra ainda no tom festivo e harmônico dos versos de *País Tropical*, de Jorge Ben Jor, que se tornara um hino sobre o Brasil, o viver no Brasil e a alegria de ser brasileiro, um discurso que é antes de tudo produzido sobre o Brasil e para o Brasil, para fins de apresentação e enaltecimento do país *paraíso-tropical*, que caricata o brasileiro hospitaleiro, embebecido e grato por morar no paraíso tropical “abençoado por Deus e bonito por natureza, que beleza!”.

Diante dessa projeção, quase personificada, de um imaginado paraíso tropical, pessoas de vários lugares do globo e do país veem-se hipnotizadas para

ter acesso (e posse) à algum desses paraísos tropicais situados no Brasil e na Bahia. É assim que a Vila de Serra Grande, localizada no litoral sul da Bahia, se apresenta a seus novos moradores, os migrantes. Eles vêm, chegam à Vila e procuram se localizar, preferencialmente, próximos ou no interior das áreas de Mata Atlântica que contornam a Vila e abrigam as riquezas da fauna e flora local, além de, na maioria dos casos, tais áreas encobrirem extensões de praias ainda primitivas “em meio a águas claras e mornas”, conforme informa um site de turismo local⁴. Ou seja, uma migração que dispõe de certo capital financeiro, já que a região possui um dos metros quadrados mais caros da Bahia e do Nordeste, conforme apontam as estatísticas dos cadernos imobiliários e sites de vendas do estado⁵.

Até aqui, o estereótipo do paraíso tropical se sustenta. As belezas naturais, os animais, as praias e coqueiros.

Todavia, essas “novas caras” também encontram, em meio ao tão almejado *paraíso*, um elemento, talvez inusitado (ou não), inesperado (ou não) e, em certo sentido da ideia de paraíso que vimos acima, indesejado. Esse elemento é a população já residente no território. São os moradores nativos do território, aqueles que nasceram, cresceram e vivem na Vila. Aqueles que têm histórias com o lugar, que fazem parte das histórias do lugar, aqueles dos quais as histórias dizem, mesmo que tais histórias não sejam social e historicamente contadas como parte da memória desse território marcado, entre a última década do século XX e início do século XXI, pela propagação e propaganda do mantra de ser um paraíso tropical, envolto pela Mata Atlântica, pelo Oceano Atlântico e por intenções e práticas de preservação e conservação da natureza atreladas a um desenvolvimento sustentável que encontra no turismo elitizado, ou ecoturismo, e nas atividades para a sua subsistência, como a gastronomia, o artesanato e eventos de cunho artístico-cultural as grandes vocações para o Litoral Sul da Bahia e para a Vila de Serra Grande⁶. Essa população, que estava lá antes desse processo de transformação

⁴ <<https://www.serragrande.net/>> Acesso em: 25 Dez. 2019.

⁵ <<https://www.imovelweb.com.br/terrenos-venda-bahia-urucuca-ba-serra-grande-urucuca.html>> Acesso em: 25 Jan. 2020.

<<https://www.vivareal.com.br/venda/bahia/urucuca/bairros/serra-grande/>> Acesso em: 18 Mar. 2020.

⁶ BAHIA. **Estudo de Potencialidades Econômicas Território de Identidade LITORAL SUL** Superintendência de Estudos e Políticas Públicas Diretoria de Estudos e Planos Coordenação de Planos de Desenvolvimento, Jun. 2016.

territorial, é camuflada sob o devaneio paradisíaco tropical. É apagada e desfocada, em sua realidade, da promoção do paraíso tropical em meio às florestas à beira mar das terras do Litoral Sul do Nordeste brasileiro.

Relembrando que foi pelo Litoral Sul da Bahia que os colonizadores europeus chegaram e afirmaram terem “descoberto” o que viria a ser o Brasil, inscrevendo na costa brasileira todo tipo de violência, característico da colonização europeia sobre o continente americano e as suas populações, é no mínimo de causar inquietação (e indignação) que quinhentos anos após a invasão de Pedro Álvares Cabral ao litoral brasileiro, atualmente catalogado no Sul do Estado da Bahia na região Nordeste, os territórios litorâneos do Sul da Bahia sejam ainda e ou mais uma vez alvos de cobiça por parte de migrantes – nacionais e internacionais – e de uma elite empresarial disposta a fazer desses territórios um investimento milionário para atender, aparentemente, a um turismo especializado de alto nível que cresce a largos passos num território que registra histórica situação de pobreza acometedora das populações da região do Sul baiano⁷.

De toda forma, apesar do jogo representacional e mental manipulados para a venda e a compra da ideia do paraíso tropical, existe uma população local, existem pessoas, moradores nativos, vivendo e convivendo na Vila de Serra Grande. Pessoas também ligadas à natureza, que possuem laços com a terra e que, em sua grande maioria, produzem e produzem a partir dela o seu sustento e das suas famílias. Essas pessoas que enfrentaram e enfrentam, assim como grande parcela da população brasileira, nordestina e baiana, várias dificuldades socioeconômicas e estruturais, veem-se, como num piscar de olhos, diante de um “outro”, público alvo das chamadas do turismo para a região, que sonha com o paraíso em/de suas terras, e mais, um “outro” que possui recursos financeiros, políticos e intelectuais para executar ali seus planos de instalação e instauração, já que no período de 2000 a 2017, segundo matéria do site Estadão sobre o *Atlas Temático: Migrações Internacionais na Região Nordeste*, o Nordeste atraiu, principalmente, migrantes oriundos de países europeus.

⁷ ORTEGA, Antonio César, PIRES Murilo José de Souza. **As políticas territoriais rurais e a articulação governo federal e estadual: um estudo de caso da Bahia**. Antonio César Ortega e Murilo José de Souza Pires (orgs). – Brasília: Ipea, 2016.

Conforme a matéria do site ESTADÃO⁸ sobre o *Atlas Temático: Migrações Internacionais na Região Nordeste*⁹, que analisa os fluxos migratórios para a região entre 2000 e 2017, lançado em Salvador pelo Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/UNICAMP), o Observatório das Migrações no Estado do Ceará e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB):

O atlas mostrou que, entre 2000 e 2017, 117,9 mil migrantes internacionais registrados se instalaram na região Nordeste, a maior parte deles no estado da Bahia (36,2 mil). Em segundo lugar vem o Ceará, com a presença de 26,4 mil migrantes. O Brasil se consolidou na rota das migrações internacionais, demonstrou o levantamento, com a chegada de 1,1 milhão de pessoas em 17 anos.

Ocupando o lugar de terceira região com maior concentração de fluxo migratório, **o Nordeste atraiu, principalmente, migrantes oriundos de países europeus**, que correspondem à quase metade dos países de origem analisados, com um total de 52,5 mil pessoas. A publicação da UNICAMP destacou **possíveis “especificidades turísticas da região e de investimentos do capital transnacional” como justificativa para isso.** (Grifos nossos)

Ao fazer referência às possíveis especificidades turísticas da região Nordeste e de investimentos do capital transnacional, podemos apontar o território do Litoral Sul da Bahia, onde está situada a Vila de Serra Grande, como um dos territórios alvos desse fluxo imigratório, expressivamente branco europeu. É pois o contato entre esses migrantes e a população local desse território que intencionamos abordar a fim de politizarmos o território do Litoral Sul da Bahia enquanto campo de conflitos, lutas e tensões étnico-raciais.

CARACTERÍSTICAS DE UM TERRITÓRIO: O LITORAL SUL DA BAHIA É NEGRO-INDÍGENA

Buscando um caminhar teórico que dê conta da discussão que propomos neste texto partimos da compreensão de território pensada por Haesbaert¹⁰, segundo o qual o conceito de território vincula-se à categoria poder, porém não estritamente ao poder no sentido concreto de dominação (poder político), mas

⁸ ESTADÃO, Neo Mondo. Bahia é o estado do Nordeste que mais recebe migrantes internacionais. 2 de setembro de 2019. Disponível em <<http://www.neomondo.org.br/2019/09/02/bahia-e-o-estado-do-nordeste-que-mais-recebe-migrantes-internacionais/>> Acesso em: 25 Jan. 2020.

⁹ ESTADÃO, 2019. Não foi possível ter acesso ao documento citado, pois, o mesmo ainda não está disponível nas plataformas digitais das referidas instituições de conhecimento. Todavia, a autenticidade da conduta do site nos permitiu tomá-lo como fonte de referência, já que a informação e os dados apontados pela matéria são de grande relevância para o estudo elaborado.

¹⁰ HAESBAERT, 2004.

também ao poder simbólico, ligado à apropriação de determinados grupos para com seu espaço de vivência. Segundo o autor¹¹:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”.

Oliveira¹², que cita Rolnik, afirma que a questão do território é central para a discussão sobre a cidade e o urbano e acrescentamos que, conseqüentemente, a questão do território é fundamental para a discussão sobre as relações e ações que nele se inscrevem, de tal forma que a compreensão do fenômeno territorial revela-se chave-mestra para pensar e compreender a dinâmica das histórias de vida dos sujeitos que nele atuam, assim como os processos inerentes e imbricados na estrutura sócio-político-econômica e cultural que nele se constrói e apresenta.

Localizada no Litoral Sul da Bahia, a aproximadamente quarenta quilômetros de distância, ao norte da cidade de Ilhéus, a Vila de Serra Grande, distrito do município de Uruçuca, faz parte do chamado Território de Identidade Litoral Sul da Bahia, que junto com o Território de Identidade Costa do Descobrimento compõem a trajetória do principal fluxo de turismo para o Sul do Estado.



Figura 1- Imagem da Vila de Serra Grande Uruçuca-BA¹³,

Em 2014 a Secretaria de planejamento do Estado da Bahia, através da Lei

¹¹ HAESBAERT, 2004, p.1.

¹² OLIVEIRA, 2016.

¹³ Fonte: <<https://arapyau.org.br/instituto-arapyau-comemora-avancos-no-sul-da-bahia/>>

Estadual nº 13.214¹⁴, estabeleceu a política de desenvolvimento territorial do Estado, sendo este subdividido em 27 Territórios de Identidade, dentre eles o do Litoral Sul e o da Costa do Descobrimento. Tal proposta deu-se em consonância com a perspectiva de uma política de desenvolvimento sustentável para a proteção, conservação e uso consciente dos principais biomas e recursos naturais de seus territórios, atrelando assim o desenvolvimento econômico às consideradas vocações¹⁵ de cada território.

A despeito das vocações econômicas, conforme o Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável Litoral Sul¹⁶, elaborado pelo Ministério Do Desenvolvimento Agrário e pela Secretaria De Desenvolvimento Territorial assevera:

Na região da Costa, chamada Costa do cacau, verifica-se que ocorreu um redirecionamento da economia regional e local – antes voltada para a produção agrícola, com ênfase na monocultura cacauzeira, na agricultura do corte e queima para o plantio da mandioca, no extrativismo, notadamente a madeira, piaçava, dendê –, passando a fixar sua pauta econômica em torno da exploração do turismo, ensejando considerável incremento das atividades de comércio e serviços, sobretudo aquelas voltadas para atendimento dos visitantes.

No sentido de um planejamento estadual que defina as coordenadas político-econômicas para os seus territórios, vale lembrar o que Oliveira coloca acerca do território. Segundo o autor¹⁷ "o território é produção e reprodução social do espaço e, em especial, gestão e organização das funções, atividades e realizações necessárias no cotidiano social das cidades no Brasil".

Quanto aos aspectos naturais do território em análise, dentre os principais biomas do Estado da Bahia, a Mata Atlântica desponta como de grande interesse para fins turísticos por atrair as atenções para suas belas paisagens, sobretudo, as banhadas pelo oceano e com fama de, em pleno século XXI, serem ainda primitivas, praticamente desérticas e abrigarem uma das maiores biodiversidades do planeta.

¹⁴ BAHIA. LEI Nº 13.214 DE 29 DE DEZEMBRO DE 2014. **Diário Oficial do Estado da Bahia** - Salvador, Bahia · Terça-feira, 30 de Dezembro de 2014 Ano · XCIX · Nº 21.605.

¹⁵ O termo é usado pelo governo de estado da Bahia para apregoar as atividades inerentes ao desenvolvimento do território, atestando haver nas ditas vocações uma relação intrínseca entre uma suposta potencialidade econômica e o desenvolvimento sustentável da região.

¹⁶ BRASIL, 2010, p.87.

¹⁷ OLIVEIRA, 2016, p.85.

Deste modo, o Território de Identidade Litoral Sul - BA formado por 26 municípios da microrregião cacaueira do Sul da Bahia, sendo os mais conhecidos: Canavieiras, Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Maraú, Una (a Ilha de Comandatuba) e Uruçuca (Serra Grande), a maioria por ocuparem a região da costa, conhecida também como Zona Turística da Costa do Cacau, está inserido no bioma Mata Atlântica. Sendo, dentre os Territórios de Identidade da Bahia, o mais populoso¹⁸.

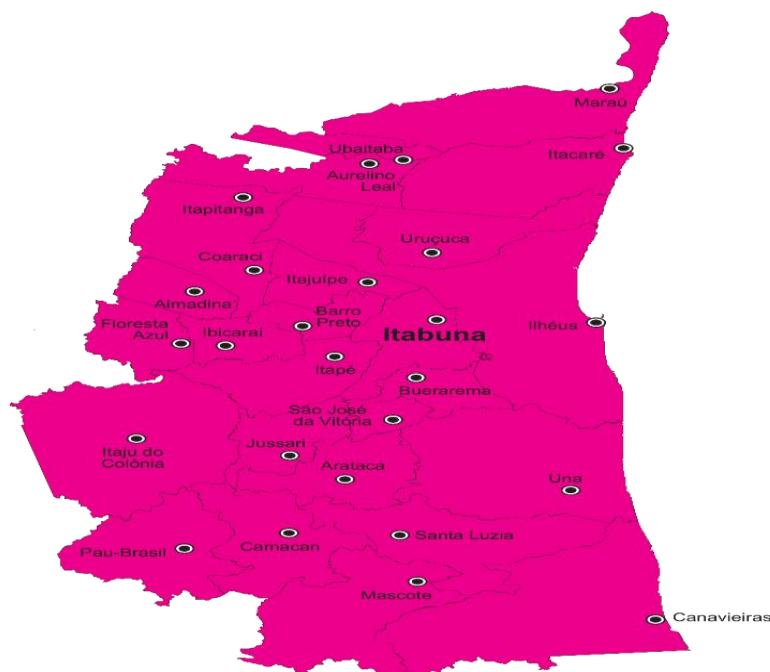


Figura 2- Mapa Território de Identidade Litoral Sul¹⁹

Conforme pesquisas bibliográficas produzidas na região apontam, historicamente o Litoral Sul da Bahia constituiu-se como território (i) de intensa produção agrícola decorrente da colonização e consequente exploração do potencial das abundantes e férteis terras da Capitania de São Jorge dos Ilhéus, do bioma Mata Atlântica e seu litoral; (ii) abastecedor da província de Salvador e seus entornos, o que corresponde atualmente aos territórios do Estado da Bahia, do Sergipe e parte do Estado do Alagoas; (iii) de protagonismo das populações indígenas e negras, tendo sido estas responsáveis pelo desenvolvimento econômico e social dessa região e pela produção de alimentos para a Capitania

¹⁸ ORTEGA e PIRES, 2016.

¹⁹ BRASIL, 2010.

da Baía de Todos os Santos; e (iv) alvo de imigrações direcionadas de europeus no século XIX, a partir, sobretudo, da Lei de Terras de 1850 – que apregoava a venda como único meio de acesso a propriedade da terra, tornando-a mercadoria – e da proibição do tráfico negreiro²⁰.

Sendo assim, podemos afirmar, numa perspectiva sócio-histórica, que o território do Litoral Sul da Bahia, onde está situada a Vila de Serra Grande, foi até o século XIX caracterizado por dinâmicas de exploração das terras e da mão-de-obra indígena e negra nesse território empregadas. Além disso, é possível entrever um interesse especial, particular do capital nesse território, diante de suas potencialidades, sejam elas voltadas para a dimensão do território, a fertilidade das terras ou ainda a riqueza dos demais recursos naturais e paisagísticos. A exploração da mão-de-obra das populações negras e indígenas, assim como a violência investida contra a existência dessas populações no decorrer da colonização (e também depois dela) também caracterizam a configuração desse território alvo de imigrações no século XIX e nos séculos seguintes, transcrevendo, assim, o interesse do capital estrangeiro nesse território e o colonialismo inerente a ação do capital global.

Logo, a partir da análise de dados coletados e analisados constatamos que há evidências da presença de territorialidades e componentes negro-indígenas na constituição do território e dos modos de vida da população nativa do Litoral Sul e, conseqüentemente, da Vila de Serra Grande; apontando, deste modo, para uma identificação étnica comunitária ligada às populações tradicionais negras e indígenas da Bahia.

Segundo Cardoso de Oliveira²¹, a *identificação étnica* alude ao uso que uma pessoa faz de termos raciais, nacionais e outros para se identificar e se relacionar com os outros. Nesse sentido e contexto, opera na Vila de Serra Grande a identificação étnica de *nativo* – que incorpora e traduz o elemento tradicional negro-indígena –, declarada e mobilizada para afirmar pertencimento e relação com o lugar e suas histórias. É, pois, uma identificação pautada fundamentalmente no critério étnico-territorial. Portanto, uma identificação que expressa um território, um litoral negro-indígena.

²⁰ DIAS e CARRARA, 2007.

²¹ OLIVEIRA, 1976.

Desta forma, é importante destacar também e ainda a transformação imposta ao território do Litoral Sul da Bahia com a baixa da produção do cacau, que na década de 1980 concedera ao Brasil e a região Sul do Estado da Bahia a titulação de maior produtor da especiaria no mundo. Logo, a epidemia da vassoura de bruxa que acometeu as plantações de cacau, sobretudo, no Sul do estado, alterara o valor das terras nas regiões destaques da produção da matéria-prima do chocolate e o projeto territorial para a região (agora baseado na mercantilização do Litoral), acarretando assim mudanças no cenário econômico, social, cultural e territorial do Litoral Sul da Bahia na última década do século XX e início do século XXI.

Assim, o Litoral Sul da Bahia tem sido tornado em mercadoria e das mais caras, uma vez que já se tem a privatização desse litoral em muitos pontos da costa que vai do município de Maraú ao município de Canavieiras. As privatizações se expressam de muitas formas. Pela instalação de resorts na costa marítima. Pela configuração de imóveis, grandes e médias propriedades privadas litorâneas na região. E até mesmo pela criação de áreas de proteção ambiental que elegem, por exemplo, um turismo mais seletivo e, portanto, mais caro, como atividade econômica compatível com uma perspectiva de desenvolvimento territorial sustentável para o litoral.

Deste modo, o declínio da economia cacauzeira redirecionara, como veremos, não apenas as coordenadas econômicas para a região. O que se observa é que esse território está no cerne de uma cadeia de alterações que inclui desde a configuração territorial e o contingente populacional às formas de relações e identificações e diferenciações entre os sujeitos e atores sociais nele presentes.

O ADVENTO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS PARA O LITORAL SUL DA BAHIA NA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Dentre as mudanças ocorridas na região do Litoral Sul da Bahia e que afeta(ra)m e atravessa(ra)m as dinâmicas da Vila de Serra Grande está a crescente imigração para o território. Para compreendê-la, entretanto, faz-se necessário pontuar e entender que outras mudanças, outros fatores apresentam-

se paralelos a esse advento migratório.

Por isso, falamos de uma hipótese de transformação territorial do Litoral Sul que teria se iniciado nas duas últimas décadas do século XX, momento histórico da redemocratização do país – que tem na Constituição Cidadã de 1988 um substantivo marco –, mas que possui em suas muitas nuances estruturais o ímpeto pela conservação de muitos ideais opostos aos princípios e valores da república e da democracia.

Acreditamos que olhar para as décadas de oitenta e noventa do século XX no contexto do Litoral Sul da Bahia pode ser uma interessante forma de traduzir em termos regionais e locais como o projeto do Brasil República Democrática se efetivava, na prática, para as populações do litoral nordestino baiano brasileiro.

Quanto ao território da Vila de Serra Grande e seus entornos é importante pontuar que, assim como a maioria da população baiana, trata-se de populações majoritariamente negro-indígenas, com baixa escolaridade, ligadas à agricultura de subsistência, a pesca artesanal, ao extrativismo e a mariscagem. Ou seja, populações afro-indígenas semianalfabetas e empobrecidas por um modelo sócio-político e econômico que tem a desigualdade e a miséria em seu bojo de sustentação. Populações costeiras residentes na Mata Atlântica e cujas formas de vida estão diretamente entrelaçadas a este bioma e ao mar. Populações oriundas de relações de violência e exploração que marcaram e delimitaram esse território ao longo de sua constituição e história²².

Conforme Ortega e Pires²³ ao considerar indicadores do ano de 2010:

O Território do Litoral Sul também pôde ser classificado como rural, pois a densidade demográfica era de 52,69 hab./km². No território, identificam-se 14.610 agricultores familiares, 2.564 famílias assentadas, 2.743 pescadores e marisqueiras, quatorze comunidades quilombolas e duas etnias indígenas (Tupinambá de Olivença e Pataxó-Hã-Hã-Hãe), sendo importante a presença da agricultura tradicional.

Considerando, deste modo, as populações histórica e culturalmente ligadas ao Território de Identidade do Litoral Sul, assim como as histórias e trajetórias dessas populações no contexto de formação, constituição e desenvolvimento do país e dessa região, podemos afirmar e verificar que é este um território de

²² DIAS e CARRARA, 2007.

²³ ORTEGA e PIRES, 2016, p.187.

territorialidades e historicidades marcadamente negro-indígenas, de resistência e protagonismo dos chamados nativos da terra (indígenas, caboclos, negros, pardos, pretos, quilombolas).

Nesse sentido, percebe-se que as mudanças paralelas ao movimento migratório para o litoral sul da Bahia anunciam fazer parte de um projeto de reconfiguração desse território – caracteristicamente negro-indígena, ligado a mata e ao mar – e, conseqüentemente, dos modos de vida, de fazer e ser de suas populações. Tais mudanças paralelas ao advento da imigração para o Litoral Sul da Bahia, por sua vez, se expressam através:

- Da implantação institucional e valorização da política ambiental de proteção à Mata Atlântica, por meio da criação de áreas de proteção ambiental, como o Parque Estadual da Serra do Conduru (o PESC), instituído pelo Decreto n.º 6.227 de 1997 do Governo do Estado da Bahia.
- Da construção da BA-001, Trecho Ilhéus-Itacaré, em 1998;
- Da chegada de empresários e novos proprietários de terras à região a partir da década de 1990;
- Das dificuldades impostas à prática da agricultura familiar, devido as forças político-econômicas e ideológicas incidentes sobre o território e a propriedade da terra;
- Da instalação e atuação do Turismo e das atividades a ele ligadas no triângulo Ilhéus-Uruçuca-Itacaré; e
- Da atuação de ONGs e institutos, assim como de pesquisa (e também imigração) científica e acadêmica nessas áreas, decorrente, em grande parte, da fundação e localização da UESC em 1991 na Rodovia Jorge Amado, entre Ilhéus e Itabuna.

O advento da migração para territórios do litoral sul da Bahia, portanto, não ocorreu (e não ocorre) desassociado de um projeto e plano territoriais que visam consolidar características e vocações determinadas para essa região, quer seja por iniciativa do poder público, quer seja por intermédio da iniciativa privada.

Segundo Silveira²⁴, que cita Aitchison em sua tese sobre *O olhar europeu sobre o Brasil: da exotização do paraíso à mercantilização turística*:

O turismo deve ser considerado não apenas como um tipo de negócio ou

²⁴ SILVEIRA, 2017, p.25.

indústria, mas como um poderoso cenário cultural, moldado pelas relações de gênero, representações de lugares, povos, nações e, sobretudo, culturas. Através do material de promoção turística, a indústria do turismo é percebida como um discurso tendencialmente colonialista. Uma indústria que, conforme argumenta a autora, convida os turistas ocidentais a consumir lugares do "Terceiro Mundo" e pessoas como autênticos produtos de lazer.

Por isso, para a autora o turismo deve ser analisado "numa ótica sócio antropológica, com origem num intercâmbio sociocultural, uma experiência ritualística moderna, uma prática de consumo diferenciada e um instrumento de poder político-ideológico"²⁵.

Assim, o paraíso dos coqueiros, cachoeiras, rios, mar, areia, vegetação e fauna comuns ao litoral da Mata Atlântica torna-se palco de distintas formas de sociabilidades e usos do território e de suas paisagens, decorrentes do investimento na produção do lugar-paraíso, que vão desde um crescente e, podemos dizer, seletivo número de turistas e visitantes à uma saliente alteração no quadro populacional e relacional da Vila de Serra Grande e seus entornos, através da imigração para esse território, demonstrando haver, assim, uma forte relação entre migração e colonialismo, visto que, muitos estudiosos, segundo Silveira que cita Echtner e Prasad²⁶, "apostam no colonialismo como uma das influências mais fortes na interpretação e interação entre diferentes culturas"²⁷.

Ou seja, o território que recebera a instalação de um luxuoso resort no início dos anos dois mil e junto com ele um público que pode pagar mais de mil e quinhentos reais pela diária é também o território em que agricultores, pescadores e marisqueiras encontram sérias dificuldades e barreiras de sobrevivência, já que a preservação da natureza, nesse contexto, passa também pela preservação da paisagem; o que também faz parte da produção, apresentação e manutenção de um espaço turistificado para enaltecimento do lugar-paraíso.

Assim, o território que conta com o nome de grandes empresários, proprietários de imóveis, é também o território em que a maioria da população é afetada pelo desemprego, pela violência, pela criminalidade, pela precariedade escolar, pela falta de oportunidades e de um poder público empenhado em

²⁵ SILVEIRA, 2017, p.23.

²⁶ ECHTNER e PRASAD, 2003.

²⁷ SILVEIRA, 2017, p.26.

oferecer-lhe e garantir-lhe acesso à cidadania, valor e condição fundamental à democracia.

Desta forma, o cenário paisagístico do litoral sul baiano pode até ser o de um paraíso tropical, mas as condições sociais a que grande parcela da população local nativa está subjugada acabam por fazer desse cenário paradisíaco um lugar de tensões, conflitos e violências, em que a luta das populações nativas pela sobrevivência e pelo espaço faz-se expressão constante, como, por exemplo, quando da instalação e dinâmica de interação com o PESC – Parque Estadual da Serra do Conduru²⁸.

De tal modo, o mito do Brasil paraíso é assim sustentado do ponto de vista do investimento e exposição idílica da natureza e de suas paisagens, mas esfacelado do ponto de vista histórico e sociológico. Como afirma Chauí²⁹ sobre a projeção do Brasil como um símbolo da Natureza, “o Brasil-jardim, o Brasil-paraíso”:

Essa produção mítica do país-jardim, ao nos lançar no seio da Natureza, lança-nos para fora do mundo da história. E, como se trata da Natureza-paraíso, não há sequer como falar num estado de Natureza à maneira daquele descrito, no século XVII, pelo filósofo inglês Hobbes, em que a guerra de todos contra todos e o medo da morte suscitariam o aparecimento da vida social, o pacto social e o advento do poder político. Nesse estado de Natureza paradisíaco em que nos encontramos, há apenas nós - pacíficos e ordeiros - e Deus, que, olhando por nós, nos deu o melhor de Sua obra e nos dá o melhor de Sua vontade.

À luz dessa projeção mitológica que, segundo a autora, nos lança para fora do mundo da história, a imigração de nacionais e estrangeiros para o território do Litoral Sul da Bahia, conforme observado, da perspectiva das relações étnico-raciais, expressa tensão em um cenário de outras tantas alterações. Se há trinta anos a vila não dispunha de acesso por meio de rodovia e a população local vivia em certo isolamento, na roça e do roçado, assim como das atividades ligadas ao mar e a mata, atualmente divide seu espaço e a rotina da comunidade com pessoas de vários lugares do país e do mundo e, o que é mais conflitante, com propostas e imposições externas e alheias de desenvolvimento econômico e

²⁸ O PESC é uma unidade de conservação criada pelo Decreto Estadual nº 6.227 de 21 de fevereiro de 1997 que acarretara diversos conflitos de ordem social, cultural e ambiental, tendo em vista a ausência de participação das comunidades rurais do território no processo de criação e implementação do parque, ou, como coloca Barreto, “a falta de interação das comunidades rurais do entorno com a gestão da UC”. BARRETO, 2015, p.77.

²⁹ CHAUI, 2000, p.63.

territorial.

É sobre esse encontro entre moradores cujas perspectivas sócio-históricas distinguem-se na formação desse território que lançamos luz para analisar o modo como a imigração – um fenômeno social, cultural, político, econômico e territorial – e as mudanças territoriais no litoral sul da Bahia estão impondo e intensificando segregações e desigualdades socioeconômicas, territoriais e raciais.

Nesse sentido, o forçado e perigoso mito da democracia racial – que estrategicamente simula a igualdade e cordialidade racial no Brasil – faz-se um aliado encobridor de muitas das questões que afetam as populações mais empobrecidas desse país, como são as populações tradicionais do litoral sul da Bahia, ao passo que normaliza as desigualdades enquanto sinalizadores socioeconômicos, regionais e não históricos e raciais.

O forçado e perigoso mito da democracia racial também concede à imigração de nacionais – sobretudo das regiões sul e sudeste do país – e estrangeiros – sobretudo da Europa e da América do Norte – para o litoral sul da Bahia um caráter a-histórico e despolitizado que em momento algum é questionado, considerado ou problematizado enquanto expressão do colonialismo que ainda, tão intensamente, vigora nas engrenagens sociais da contemporaneidade e de muitos de seus movimentos.

Os dados analisados sobre a migração internacional para os municípios litorâneos do Território de Identidade Litoral Sul da Bahia- TLS apontam para uma proeminente imigração europeia e norte-americana³⁰, portanto, uma migração expressivamente branca. Observemos os gráficos relativos aos dados da migração internacional para o litoral do TLS – que compreende os municípios litorâneos de Maraú à Canavieiras –, segundo levantamento do senso IBGE³¹.

³⁰ IBGE, 2010. Atlas Temático: Migrações internacionais na região Nordeste, 2019.

³¹ IBGE, 2010.

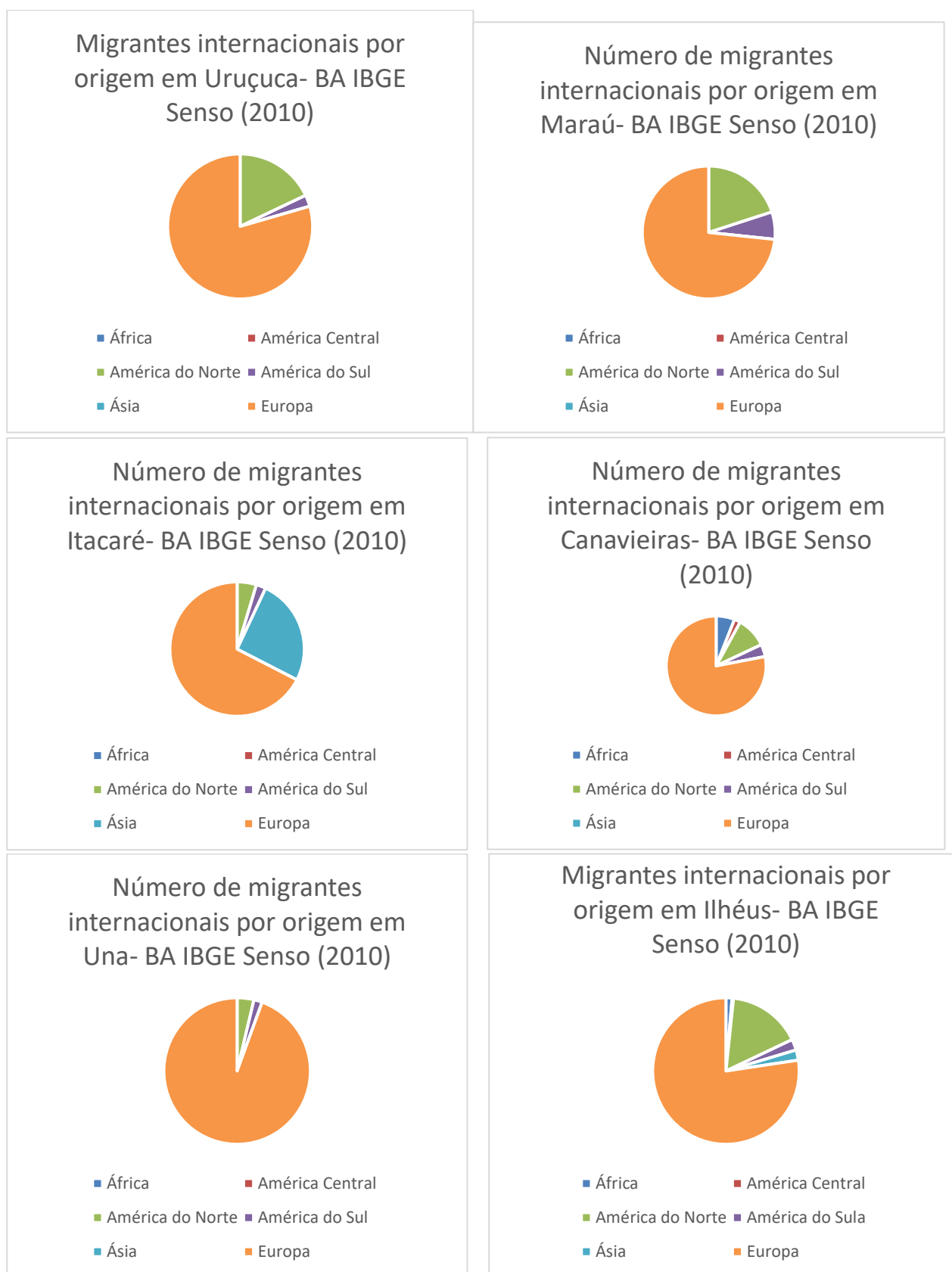


Figura 3- Gráficos referentes à presença de migrantes internacionais por origem nos municípios costeiros do TLS, segundo dados do IBGE

Percebe-se, pois, a saliente presença de europeus e norte-americanos,

sobretudo dos primeiros, nos municípios observados. Os dados³² concernentes a migração internacional para a Vila de Serra Grande, distrito litorâneo do município de Uruçuca, por sua vez, apontam no mesmo sentido de uma população imigrante predominantemente europeia e norte-americana, portanto, uma imigração expressivamente branca. Observemos o gráfico.

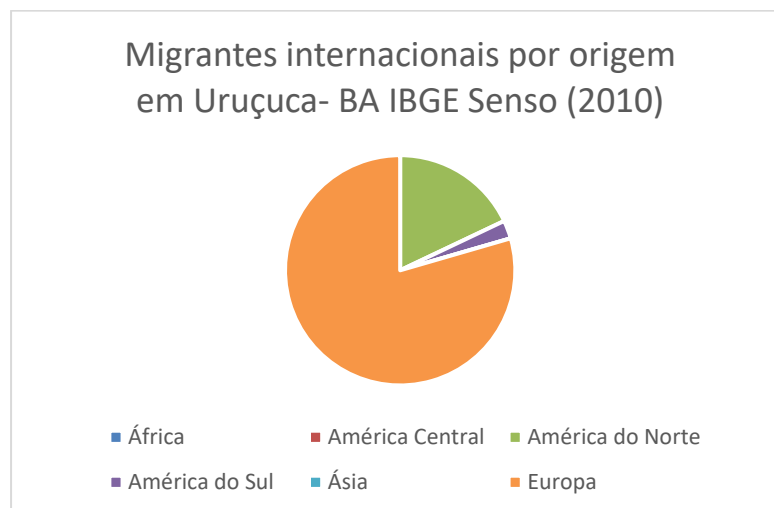


Figura 4- Gráfico referente à presença de migrantes internacionais por origem em Uruçuca, segundo dados do IBGE

Evidencia-se, pois, deste modo, a expressiva imigração de europeus e norte-americanos, de populações brancas, para um território histórico, cultural e racialmente negro-indígena, como é o território da Vila de Serra Grande e como são, em larga escala, os municípios costeiros do litoral sul da Bahia. É importante destacar ainda que dados empíricos, no contexto etnográfico da Vila de Serra Grande, apontam para grau de escolarização elevado desses migrantes e classe econômica média alta desse contingente.

Por sua vez, no tocante a identificação racial no litoral do TLS, segundo dados do IBGE³³ atestam, cidades do Litoral Sul baiano, como Uruçuca, Itacaré, Maraú, Itabuna, Una, Canavieiras e Ilhéus são compostas, assim como a capital, Salvador, majoritariamente por pretos e pardos. Ou seja, são cidades de grandes contingentes negros, cujas fundações deram-se (e dão-se) através desses braços e vidas. Cidades negras. Territórios negro-indígenas. Enfim, o Litoral Sul da Bahia é um litoral negro-indígena.

³² IBGE, 2010.

³³ IBGE, 2010.

Em Uruçuca, conforme dados do senso IBGE³⁴, referente a população residente por cor/raça no município, tem-se que 21% da população identificou-se como preta e 61% como parda, contabilizando um total de mais de oitenta por cento de população considerada negra nesse território. Observemos o gráfico com os dados do senso para a categoria no município.

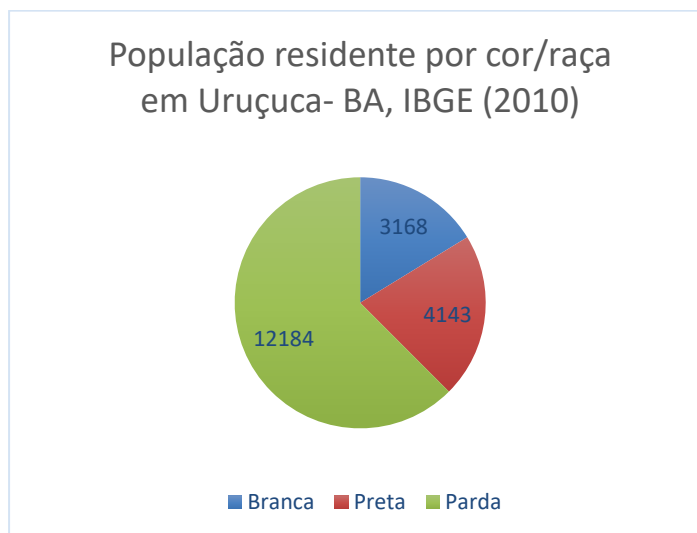


Figura 5- Gráfico referente à população residente por cor/raça em Uruçuca-Ba, segundo dados do senso IBGE

Ou seja, o município de Uruçuca – do qual o distrito litorâneo da Vila de Serra Grande faz parte – constitui-se enquanto um território significativamente negro.

No que diz respeito às alterações no cenário populacional da Vila, a narrativa dos moradores nativos desse território relata a ocorrência da chegada de novos moradores à Vila, mas também denuncia a partida – a saída, a emigração – de moradores locais do território para outros municípios ou estados ao longo dos anos, devido às dificuldades de vida e sobrevivência impostas à essas populações do litoral da Mata Atlântica baiana.

Assim, um olhar mais atento para os fenômenos da imigração e da emigração relatados na região litorânea do sul da Bahia dá vasão à algumas questões fundamentais. Primeiro, quem é a população local que está partindo e quem são as populações migrantes que estão chegando? A discussão realizada neste artigo pretende elucidar essa questão. Segundo, por que a população local está saindo (estão saindo ou sendo expelidas desse território pela nova configuração territorial proposta e imposta ao Litoral Sul da Bahia?) e a população

³⁴ IBGE, 2010.

migrante está chegando (ou seja, quais demandas impostas a esse território estão atraindo essa migração)? Terceiro, quais as implicações desse fluxo de entrada e saída – que como vimos, tem um perfil, uma cor – para o território e as suas populações tradicionais?

Defendemos que os mitos do país-paraíso e da democracia racial – que rondam e violentam o território brasileiro – não podem continuar invisibilizando as violências, os sofrimentos, os conflitos e as condições de vida e de morte a que populações nativas do litoral sul da Bahia estão sendo subjugadas pelo ímpeto do capital em seus diversos meios de atuação. Não podem invisibilizar o território e a propriedade da terra enquanto agências de disputa. Também não podem continuar impossibilitando, ao eleger a perspectiva do Litoral-paraíso em detrimento do Litoral-luta, que as formas de existir, de sobreviver e de resistir das populações afro-indígenas brasileiras possam ser (re)conhecidas e abordadas como mecanismos de luta, de (re)ação e transformação social.

Considerando que, segundo Oliveira³⁵, “a Bahia é o estado de maior contingente populacional negro do país”³⁶, a migração internacional (assim como a nacional) de expressivos contingentes brancos para o estado deve tornar-se objeto fundamental de estudo para a compreensão das dinâmicas étnico-raciais na Bahia e das novas performances da colonização capitalista euro-estadunidense em territórios sul-americanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o estudo do fenômeno da imigração para o Litoral Sul da Bahia, para o território da Vila de Serra Grande, na perspectiva das relações étnico-raciais, deve considerar os sujeitos que imigram (e as características que expressam no contexto social, assim como os lugares de origem), o território-destino para o qual migram (em suas acepções histórica, política, sociocultural, racial, econômica, ambiental, geográfica, étnica e identitária) e as populações nativas locais historicamente ligadas à esse território e à sua formação.

Enfim, o advento da migração – internacional e nacional – para o Litoral Sul

³⁵ OLIVEIRA, 2019, p. 200.

³⁶ IBGE, 2010.

da Bahia é um fenômeno repleto de sentido; de motivações e implicações territoriais, mas também e, sobretudo, extra territoriais, em que questões étnico-raciais e políticas figuram no cerne da discussão.

REFERÊNCIAS

BAHIA. **Estudo de Potencialidades Econômicas Território de Identidade LITORAL SUL**. Superintendência de Estudos e Políticas Públicas Diretoria de Estudos e Planos Coordenação de Planos de Desenvolvimento, Jun. 2016.

BARRETO, Marcelo. **Parque Estadual da Serra do Conduru: Histórico da criação, dos conflitos socioambientais e da gestão participativa**. Dissertação (Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável) - IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, 2015.

BRASIL. PRONAT/SDT/MDA. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável. O que o Litoral Sul tem?** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário — Secretaria de Desenvolvimento Territorial — SDT — Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais — Pronat, 2010.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “Identidade Étnica, Identificação e Manipulação”. In: **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira Editora, 1976.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

DIAS, Marcelo Henrique; CARRARA, Ângelo Alves. **Um lugar na história: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau**. Marcelo Henrique Dias e Ângelo Alves Carrara (orgs). – Ilhéus: Editus, 2007.

Echtner, C. M; Pasad, P. The context of third world tourism marketing. **In Annals of Tourism Research**, vol.30 n.3, p. 660-682, 2003.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.

OLIVEIRA, Reinaldo José de Oliveira. **Territorialidade negra e segregação racial na cidade de São Paulo** – A luta por cidadania no século XX. Alameda Casa Editorial: São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Reinaldo José. Os Territórios Negros E Os Quilombos Vão Vencer A Segregação? **Psicologias, pedagogias e tecnologias em Quilombos** / (Org.) Regina

Marques de Souza Oliveira. Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2019.

ORTEGA, Antonio César; PIRES, Murilo José de Souza. **As políticas territoriais rurais e a articulação governo federal e estadual: um estudo de caso da Bahia**. Antonio César Ortega e Murilo José de Souza Pires (orgs). – Brasília: Ipea, 2016.

SILVEIRA, Lélian Patrícia de Oliveira. **O OLHAR EUROPEU SOBRE O BRASIL: da exotização do paraíso à mercantilização turística**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Culturais) - Universidade de Aveiro, 2017.

Referência de sites

ESTADÃO, Neo Mondo. Bahia é o estado do Nordeste que mais recebe migrantes internacionais. 2 de setembro de 2019. Disponível em <<http://www.neomondo.org.br/2019/09/02/bahia-e-o-estado-do-nordeste-que-mais-recebe-migrantes-internacionais/>> Acesso em: 25 Jan. 2020.

<<https://www.serragrande.net/>> Acesso em: 25 Dez. 2019.

<<https://www.imovelweb.com.br/terrenos-venda-bahia-urucuca-ba-serra-grande-urucuca.html>> Acesso em: 25 Jan. 2020.

<<https://www.vivareal.com.br/venda/bahia/urucuca/bairros/serra-grande/>> Acesso em: 18 Mar. 2020.

<<https://arapyau.org.br/instituto-arapyau-comemora-avancos-no-sul-da-bahia/>> Acesso em: 26 Ago. 2020.

Jaqueline Souza de Jesus: Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Pós-graduanda em Linguística e ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa- POSLIN-UESB. Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade pelo PPGREC-UESB.

Regina Marques de Souza Oliveira: Pos-Doutora/Professora Convidada (Bolsa CAPES, 2016) pelo IMAF/EHESS (Instituto dos Mundos Africanos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais - EHESS/Paris, realizou a pesquisa: Território e Violência: Saúde Mental da População Negra e da Diáspora Africana, sob a colaboração científica de Elikia M'Bokolo). Doutora em Psicologia em 2008 (PUC/SP- Brasil e EHESS-Paris/França/Colegio Doutoral Franco Brasileiro, co-tutela, Programa da Fundação Capes), Mestre em Psicologia Social (2003, Bolsa CNPQ), Especialista em Psicoterapia Psicanalítica (1997) e Psicóloga (1993).



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado sob uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 05 de outubro de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 27 de novembro de 2020.